

O PROFESSOR SURDO: NARRATIVAS DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL¹

Nádia Fernanda Martins de Araújo

Graduada em Pedagogia (UFPI), especialista em Língua Brasileira de Sinais (UESPI), intérprete de Libras pela SEDUC-MA

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

RESUMO

A legalização da Língua Brasileira de Sinais (Libras), trouxe visibilidade ao seu utente, o Surdo, conseqüentemente uma maior atenção às suas necessidades básicas e sociais, uma delas é a atuação no mercado de trabalho. Hoje, o Surdo tem alcançado novos patamares educacionais, assumindo o papel de instrutor de Libras. Baseado nessa premissa, esta pesquisa de cunho qualitativo objetivou evidenciar as narrativas do Surdo como docente. Entre os autores que serviram de aporte teórico, Klein (s/d; 1998) que aborda sobre as conquistas legais e trabalhistas do Surdo. A produção dos dados foi por meio de entrevistas semiestruturadas com a participação de instrutores Surdos. Nas análises, constatou-se que a maioria dos instrutores atuam na mesma instituição em que foram capacitados, por conta disso, tiveram apoio para assumir essa nova responsabilidade, parte dos entrevistados demonstra habilidade na prática docente, já outros acreditam que ainda existem muitas barreiras na relação entre Surdos e ouvintes.

Palavras-chave: Surdo. Mercado de Trabalho. Instrutor.

INTRODUÇÃO

A área da Surdez tem conquistado patamares cada vez maiores em relação às pesquisas acerca da língua e do próprio sujeito Surdo, tais estudos têm contribuído para a divulgação da Libras e conseqüentemente para o surgimento de políticas públicas educacionais e ações que favoreçam a inclusão deste indivíduo no meio social.

Uma dessas articulações está voltada para a inserção do Surdo no mercado de trabalho, não apenas dele, mas também da pessoa com qualquer deficiência. O intuito dessa presente pesquisa é evidenciar as narrativas do Surdo no mercado de trabalho atuando como docente, assumindo o papel de instrutor de Libras, não apenas se limitando a esta ação, mas também buscando relacionar o trabalho exercido pelo Surdo com seu contexto social e educacional.

O MERCADO DE TRABALHO E O SURDO

A exclusão do Surdo ao acesso a uma educação formal de qualidade se perpetuou durante vários séculos, resultando em certos desconfortos, perdas culturais, exclusão no direito de participar no meio social e principalmente a submissão “ouvintista²” em qualquer decisão sobre sua trajetória

¹ Pesquisa desenvolvida durante a pós-graduação lato-sensu em Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela Universidade Estadual do Piauí

² Submissão Ouvintista se refere ao conceito Ouvintismo criado por Skliar (1998, p. 15) tratando-se em “um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte”.

de vida. Durante muito tempo maioria dos Surdos que não tinham direito a frequentar o ambiente escolar, ainda se submetiam a trabalhos manuais, sem haver um reconhecimento devido da sua diferença linguística e cultura própria. Isso também se deve ao predomínio da filosofia oralista ocasionando representações direcionadas ao ouvintismo.

Após o reconhecimento do valor linguístico da Língua de Sinais, houve expressivos avanços sob a figura do Ser Surdo e da possibilidade deste sujeito conseguir obter uma nova leitura sob sua representação social perante a grande massa populacional majoritariamente ouvinte. No Brasil somente na década de 1970 um grupo de profissionais que trabalhavam com o público Surdo fundam a Federação Nacional e Integração do Deficiente Auditivo (FENEIDA), instituição esta que ficou durante anos desconhecida pelos próprios Surdos até o surgimento da Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos em 1983.

Infelizmente a FENEIDA não conseguiu atingir o número de filiados suficientes deixando de existir pouco tempo depois, por meio de uma Assembleia Geral. Após sua desativação foi decidido a criação de um novo órgão que representasse e lutasse pela causa Surda em uma proporção maior. Dessa forma, surge a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) em 1987, com sede no Rio de Janeiro fundada por diversas entidades de vários estados que também pleiteavam em favor da comunidade Surda. (FENEIS, 1997)

A partir do surgimento da FENEIS a comunidade Surda começou a se fortalecer e, aos poucos, conquistar seu espaço social, a princípio ocorreu por meio das medidas legais. A exemplo disso a Constituição Federal (1988) já versa no artigo 7º, disposto XXXI expondo a inconstitucionalidade da diferenciação salarial entre uma pessoa com deficiência e sem deficiência, tornam-se ilegal desde a fase da contratação até o serviço prestado existir qualquer distinção entre esses dois sujeitos.

Não se pode deixar de falar da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, no qual garante a porcentagem mínima de vagas para pessoas com deficiência, dependendo da quantidade de empregados da determinada instituição, a quantidade varia em 2% a 5 % do total de funcionários, cabendo ao Ministério do Trabalho e da Previdência Social fazer estimativas das vagas preenchidas e existentes, disponibilizando os dados para os sindicatos ou as entidades que representam os Surdos.

No contexto brasileiro as legislações já fornecem um grande aparato ao Surdo como também às outras pessoas que possuem alguma deficiência. O acesso a uma educação de qualidade se faz importante para o Surdo alcançar melhores cargos trabalhistas, além daqueles que muitas empresas

disponibilizam baseado em trabalhos manuais e braçais, sem exigência de uma formação especializada, como afirmam Araújo; Araújo e Araújo (2014, p.3) após uma pesquisa sobre a inserção do Surdo no mercado de trabalho:

[...] a maioria (dos Surdos) executa trabalhos manuais que não exigem uma formação profissional (exemplo: auxiliar de serviços gerais, empacotador), nas suas falas constatamos certa insatisfação por exercer uma função tão corriqueira já que acreditam que poderiam ir mais além do que é oferecido para eles.

No trecho da pesquisa supracitada, os Surdos lamentam estarem em serviços que exige apenas a força física, muitos acreditam que tem potencial para outras funções, o que falta na verdade é formação específica naquilo que se almeja, como por exemplo, um curso técnico ou mesmo uma graduação, não adianta ter um conhecimento sobre determinada tarefa se não houver alguma documentação que certifique esse saber. Apesar de ainda se verificar muitos casos de desvalorização do trabalho do sujeito Surdo, há alguns anos essa realidade vem ganhando novos contornos, de modo que o Surdo já tem conseguido alcançar espaços acadêmicos, firmando cada vez mais sua capacidade profissional.

A realidade empregatícia tem conseguido algumas modificações bem relevantes, inicialmente os Surdos estão alcançando níveis de escolarização elevada, um gancho importante para esse fato, foi a criação do curso de Letras-Libras que despertou mais interesse da comunidade Surda, a presença de intérpretes no ensino Superior através dos concursos públicos, o que faz com que cresça a busca por outras áreas de formação.

METODOLOGIA

Para alcance do objetivo proposto desta pesquisa optou pelo uso da abordagem qualitativa baseando-se no conceito de Chizzotti (1998 p. 79) no qual afirma que essa vertente tem o “fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo e o objeto e a subjetividade do sujeito”. Essa pesquisa busca fazer essa relação entre o ambiente de trabalho e a atuação do Surdo como profissional.

A instituição na qual a pesquisa foi realizada, é conhecida como o Centro de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS/PI), vinculado com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Piauí (SEDUC) como também a Gerência de Educação Especial (GEE).

A princípio a pesquisa foi desenvolvida por meio da observação de algumas aulas (baseado em Richardson, 1999, p. 259), além da observação foi elaborado um roteiro de perguntas para realização de entrevistas semiestruturadas (MINAYO, 2013, p.64) com dois instrutores Surdos³.

ANÁLISE DOS DADOS

Atualmente na realidade piauiense o sujeito Surdo tem conseguido diversificar sua atuação em vários ambientes e ter uma formação mais especializada. A princípio, cada um dos instrutores entrevistados explicitou um pouco sobre sua trajetória profissional no CAS;

Tem mais ou menos três anos que trabalho aqui no CAS, quase quatro para ser mais exato [...] a princípio fiz meu curso básico na ASTE, depois vim para o CAS fazer o curso de instrutor [...] agora sou instrutor do Curso Básico aqui. (Instrutor¹)

Tem apenas um ano que estou atuando como instrutor aqui no CAS. Eu fiz o curso de instrutor aqui no CAS, mas também fiz o curso técnico de secretariado no SENAC (Instrutor²)

No primeiro momento percebe-se que a formação especializada dos instrutores aconteceu na mesma instituição que atualmente estão trabalhando. Boa parte desses profissionais possui apenas o ensino médio concluído, o que na verdade consiste em uma exigência mínima para trabalharem como professores, apenas um dos entrevistados com formação técnica por mais que exista profissional com qualificação diferenciada houve a “escolha” pela atuação docente.

A presença crescente de profissionais na área da Libras deve-se a cobrança legal principalmente do Decreto 5.626/05 no qual condiz a prioridade dos Surdos serem os professores da sua língua natural, é perceptível que a participação do Surdo como docente se efetivou de fato no contexto estadual de quatro anos para cá, e é possível também perceber esse alargamento pelos relatos dos próprios instrutores, parece então que a lei está sendo executada.

Sobre sua prática profissional na sala de aula os instrutores relatam que:

[...] no primeiro contato os alunos ouvintes ficam nervosos, não sabem como será a comunicação comigo, essa interação por meio da escrita. Então eu organizo um material no PowerPoint e começo a mostrar as palavras e os sinais correspondentes, e assim os alunos começam a compreender a metodologia que eu uso e consecutivamente se desenvolvem [...] alguns alunos sabem Libras, outros não, e justamente esses que não sabem nada da Libras e não conhecem o Surdo se questionam “meu instrutor é Surdo? Como será possível?” fica aquele sentimento de dúvida, mas o que acontece é que há uma interação entre os alunos e fica mais fácil a aprendizagem. (Instrutor¹)

3 Denominados de Instrutor¹ e Instrutor²

As vezes o aluno não conhece a capacidade de professor, e se questiona como vai acontecer esse contato, a comunicação (Instrutor²)

Por mais que no começo houvesse alguns sentimentos de dúvida, com o passar do tempo os próprios alunos se dão conta de que aprender com um usuário nativo da Libras é bem mais interessante e aquisição dos sinais acontece mais naturalmente. Já que o Surdo é bem mais expressivo do que um ouvinte, mais cuidadoso em mostrar os sinais e perceber os possíveis erros, a Libras é uma língua totalmente visual, por conta disso o Surdo que faz uso tem uma capacidade ótica bem mais aguçada.

Mesmo existindo estranhamento inicial, depois que os alunos se acostumavam com a metodologia do professor, poucas eram às vezes em que se ouvia algum som na aula, apenas quando existia alguma atividade coletiva (jogos), nesses momentos além de unir mais a turma contribuía para a fixação dos sinais e tornava o ambiente bem mais leve.

CONCLUSÃO

Durante a análise das entrevistas percebeu-se inicialmente que todos os profissionais entrevistados se capacitaram na mesma instituição em que agora estão atuando, dentre estes entrevistados, dois possuem formação técnica e/ou superior, mas por fim direcionaram suas carreiras para área do ensino, em especial, a da sua língua natural. A forma em que ingressaram nesse campo de atuação aconteceu de forma semelhante como a intervenção de líderes da atual instituição em que trabalham.:

Esta pesquisa possibilitou a percepção de que os Surdos têm ampliado sua atuação no mercado de trabalho teresinense e vem conquistando espaço para atuar no ensino da própria língua adquirindo experiência e mostrando que apesar da condição da surdez eles têm a mesma capacidade dos ouvintes

REFERÊNCIAS

ABREU, Jânio Jorge Vieira de. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Teresina: FUESPI, 198 p. 2015.

ARAÚJO, Nádia Fernanda Martins de; ARAÚJO, Tarcísio Welvis Gomes de; ARAÚJO, Camélia Sheila Soares Borges de. **O surdo no mercado de trabalho: socialização e interação com o ambiente majoritariamente ouvinte**. XX Encontro de Iniciação à Pesquisa Universidade de Fortaleza. 2014

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002: Brasília, DF. 2005

_____. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

_____. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

_____. **Lei nº 7.853**, de 24 de outubro de 1989. Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - Corde institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências.

_____. **Lei nº 8.213**, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências.

CHIZOTTI, A. Parte II: Pesquisa Qualitativa. Capítulo 1: Da Pesquisa Qualitativa. In: _____. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1998. p 77-87. 23

FENEIS. Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. **Relatório Anual**: 1997. Rio de Janeiro: FENEIS, 1997.

GESSER, Audrei. **O ouvinte e a surdez**: sobre ensinar e aprender a LIBRAS. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

KLEIN, Madalena. Os discursos sobre a surdez, trabalho e educação e a formação do surdo trabalhador. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. p.75-95.

_____. **Movimentos surdos e os discursos sobre surdez, educação e trabalho**: a constituição do surdo trabalhador.

LIMA, Camila Machado de. **Educação de Surdos**: desafios para a prática e formação de professores. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

MINAYO, M. C. de S. (org). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 33 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.